

# STEPAN NERCESSIAN

Considerado um dos melhores atores brasileiros da nova geração — basta lembrar seu elogiadíssimo desempenho no recente *Barra Pesada* — Stepan Nercessian, surpreendentemente, se confessa desencantado com a sua profissão, no momento. Ele acha que nosso cinema está se transformando “numa indústria”, defendendo, ao contrário, o caminho do improviso e da criatividade constante. Atualmente trabalhando em novelas de televisão, “que pelo menos paga melhor”, está terminando um livro de contos e pretende, em futuro próximo, dirigir um longa-metragem.

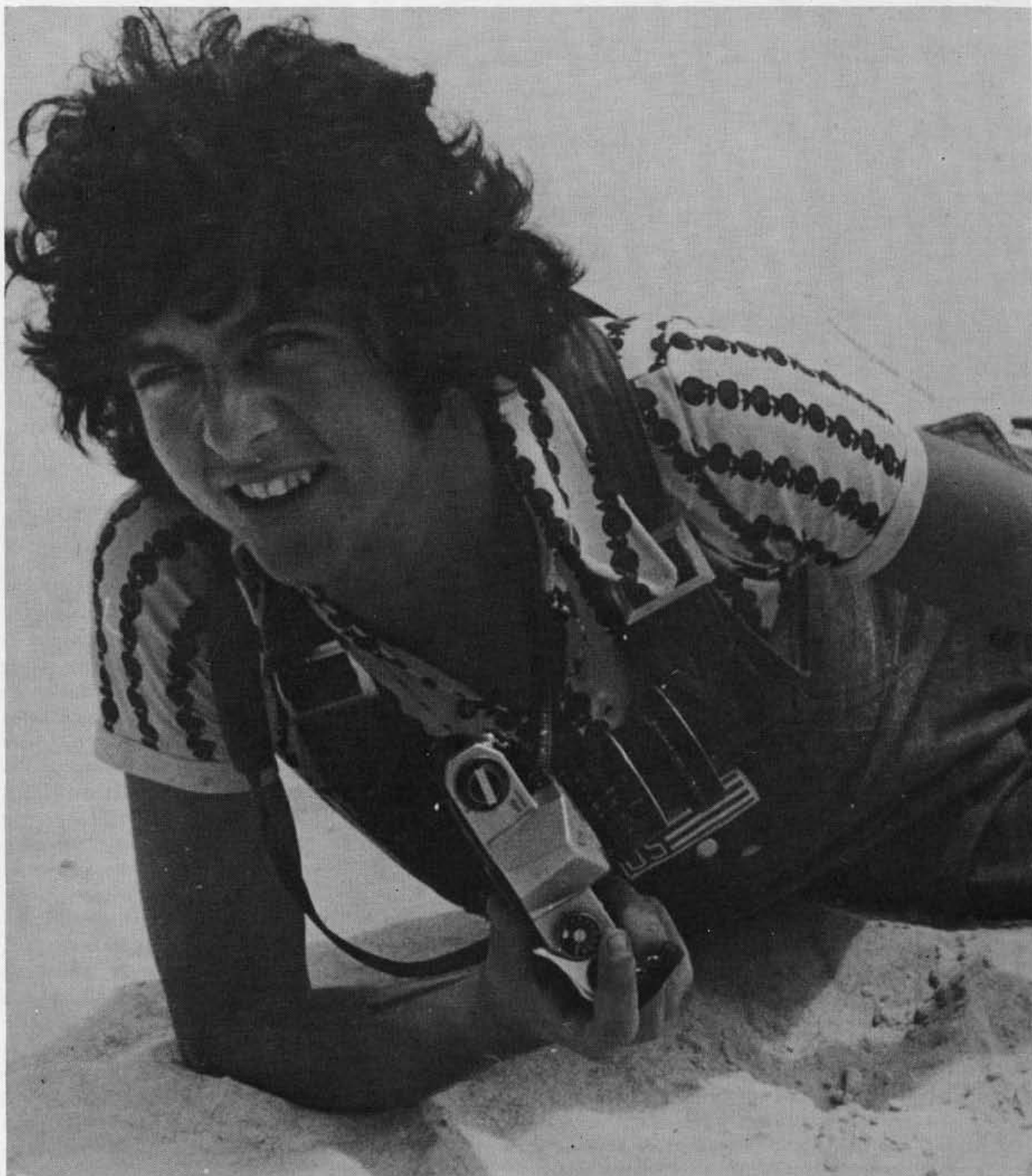
— *Você começou cedo sua carreira, em Marcelo Zona Sul: foi por acaso ou queria mesmo tornar-se ator?*

— Eu vim para o Rio, no fim de 1968, para sair de Goiás. O Rio era o *qualquer lugar*. Quando cheguei, o Xavier de Oliveira, que era noivo de uma das minhas irmãs, estava fazendo um teste para escolher o ator de *Marcelo Zona Sul*. Na época, ele trabalhava como assistente de direção de Flávio Tambellini em *Até Que o Casamento Nos Separe*, e meu primeiro contato com o cinema foi quando assisti à pré-montagem desse filme. Fui até o Teatro Opinião assistir ao teste para a escolha de Marcelo e, por insistência do Tambellini, acabei participando, de brincadeira. Ganhei a maior nota. Mas como eu não tinha o tipo físico para o papel, porque era magrinho, e o meu sotaque era forte, uma mistura de goiano com nordestino, voltei para Goiânia sem muita esperança. Eu tinha então 14 anos e lá trabalhava, como auxiliar de revisor, num jornal chamado *Cinco de Março*. Fiquei em Goiânia dois meses e durante esse tempo o Xavier continuou a procurar o ator de

*Marcelo Zona Sul* em São Paulo, Porto Alegre, sem encontrar ninguém. Ele me chamou e eu vim de novo para o Rio, já para filmar. Dessa vez eu estava mais disposto a ficar, embora ainda tivesse muita saudade de Goiânia. A única coisa que pedi ao Xavier foi que, caso não desse certo a minha experiência no cinema, ele se comprometeria a arranjar emprego para mim. Eu já tinha falado em Goiânia que vinha ser ator de um filme, o pessoal do jornal havia publicado “Garoto goiano vence 200 concorrentes e vai fazer cinema no Rio”, e não queria voltar para lá. Mas, quando acabei o filme, voltei. Xavier ia tentar conseguir alguém para me dublar, porque minha voz não tinha nada de um adolescente de Copacabana. Por via das dúvidas, em Goiânia eu ficava lendo jornal em voz alta, tentando adquirir sotaque carioca. Oito meses depois, quando acabou a montagem do filme, Xavier me chamou para vir fazer a dublagem. Mas ainda não foi a vinda definitiva; porque depois de dublar eu ainda voltei para Goiânia, retornando para assistir à pré-estréia do filme na Maison de France.

STEPAN NERCESSIAN

ROTAMU



Em Amante Muito Louca (1973).



Todas essas idas e vindas foram porque, apesar de ter gostado de trabalhar no cinema, eu não conseguia me adaptar ao Rio de Janeiro. Também só mais tarde percebi que essa primeira experiência cinematográfica tinha sido decisiva na minha vida. Meu encontro com o cinema foi absolutamente acidental. Em Goiânia eu tinha parado de estudar e tudo para mim se resumia numa grande ânsia de vida, por coincidência muito parecida com a do Marcelo. A vontade que o personagem tinha de sair de casa correspondia à minha vontade de sair de Goiás. O caso é que eu entrei para o ginásio na época da efervescência dos grêmios estudantis, com torneios de poesia, torneios de oratória. A vida estava começando para mim e havia um desejo intenso de participação. Eu achava que era um bom orador e que tinha vocação para a política. Em 69 fecharam os grêmios, e eu, como todos da minha idade, não entendi nada. Não compreendia o porquê daquilo. Baixou um clima de revolta e de desespero. Eu queria fazer alguma coisa e era expulso dos colégios. Fazer o quê, realmente, não sei. Não tive tempo de saber, porque era dali para a frente que eu iria descobrir. Assim, eu não sei o que seria hoje se a situação tivesse sido diferente, se eu pudesse ter descoberto e escolhido meu caminho.

— *Depois daquela primeira experiência, como vê o desenvolvimento de sua carreira?*

— Quando fui me profissionalizando no cinema, tentei descobrir quais eram as possibilidades de estabelecer uma ligação entre aquele impulso original de participação e a profissão de ator. Enquanto eu tentava compreender qual era a realidade do cinema no Brasil, fui fazendo todo tipo de filme que me aparecia. Não recusava nenhum papel, apesar de aconselhado por alguns amigos a ser mais cauteloso para não me queimar. Fiz *Como É Boa Nossa Empregada*, uma das rainhas da pornochanchada, com o mesmo empenho com que participei, por exemplo, de *A Rainha Diaba*, *Amante Muito Louca* ou *André, a Cara e a Coragem*. Considero *André* talvez o meu melhor filme, por ter podido incorporar ao personagem a minha visão do mundo.

# STEPAN NERCESSIAN

— Hoje, o que representa para você a condição de ator?

— É difícil responder porque preciso burlar muita coisa para não me declarar completamente confuso. *Xica da Silva* foi um dos últimos filmes que eu fiz com entusiasmo. Quando li o roteiro e entrei em contato com o Cacá, senti um desejo muito grande de participar do filme, porque achei que alguma coisa nova estava acontecendo. Depois, houve um momento — e nessa situação me encontro até agora — em que comecei a experimentar uma grande desconfiança do cinema. Falo com sinceridade. A industrialização está transformando o cinema numa coisa fria, mecânica, sem sentimento, o que não era antes. Não tenho grande interesse por esse tipo de cinema. Assim, resolvi voltar à televisão, porque, indústria por indústria, pelo menos a tevê paga muito melhor do que o cinema. Depois de sete anos de afastamento, ou

seja, desde *Bandeira Dois*, voltei e fiz *Duas Vidas* e *O Astro*.

Então, como ator, confesso que me sinto meio perdido, porque estou desencantado com o cinema, meu currículo no teatro é muito pequeno e, na televisão, meu trabalho é altamente mistificador. Eu me sinto muito distanciado do meu ideal de ator, porque a função do ator, para mim, seria a de um constante diálogo com a realidade. O ator deveria representar, não *papéis*, mas o dia-a-dia. Nada está sendo feito no sentido de desmitificar nossa profissão. E só através de uma revisão profunda é que poderemos nos aproximar da realidade do Brasil.

— Foi esse pensamento que levou você a realizar um filme sobre Rodolfo Arena?

— Quando fiz aquele filme sobre o Rodolfo Arena, eu queria contar, de uma forma ou de outra, o que é ser ator no Brasil. E fazer um filme sobre o Arena é contar uma boa parte dessa



Com Wilson Grey e Cosme dos Santos em *Barra Pesada* (1977).

história. Vale mais que qualquer teoria, qualquer método, porque ele é o verdadeiro artista. Ele é um exemplo de quem optou pelo caminho da arte, de quem se mantém dono de si mesmo porque não se vende a qualquer patrão. E a arte, no que ela tem de grandiosa, é uma excelente empresária. O Lewgoy e o Grande Otelo também são grandes mestres, exemplos que todos deviam seguir. Depois desse documentário, a minha relação com o cinema está caminhando para se definir em termos de direção. A direção seria a minha palavra, a maneira de explicitar a minha posição em relação ao cinema.

— *Você se considera, pelo menos, um grande ator de cinema, como a maioria das pessoas acha?*

— Todos os meus trabalhos têm pelo menos uma certa coerência, e me orgulho deles, sem exceção. Bons ou maus, acho que fui com eles até onde podia ir, no momento de cada um.

Sinto uma honestidade muito grande da minha parte em todos eles. Dentro do panorama geral, eu me considero, razoavelmente, um bom ator, já que, na hora de interpretar, eu tento colocar no meu trabalho o máximo de emoção e de verdade possíveis. Eu me lembro da emoção que senti em relação a *Barra Pesada*. Era um roteiro que eu conhecia e tinha muita vontade de viver aquela história, pois eu sabia que ia estar vivendo a história de muitas pessoas, eu ia estar falando em nome de uma porção de brasileiros. Era um personagem verdadeiro, um tema verdadeiro. E esse é o tipo de trabalho que me interessa. Eu gostaria de representar mais heróis brasileiros. Não heróis no sentido histórico, mas os heróis que o povo elege. Assim como fiz o boxeador de *Na Ponta Da Faca*, gostaria de representar outros mitos populares como o cantor, o jogador de futebol, de uma forma como eles nunca foram mostrados ao público.



Com Odete Lara em *A Rainha Diaba* (1974).

# STEPAN NERCESSIAN

Em vez disso, porém, estou há um ano afastado do cinema e fazendo novela de televisão. Mas também já não acredito mais naquela idéia de que a televisão corrompe, enquanto o cinema e o teatro purificam. Só porque é cinema não quer dizer que é bom, nem mesmo que é melhor do que tevê. Como a televisão está na frente do cinema em matéria de industrialização e padronização dramática, seria bom observar o caso dela e tratar de evitar que o cinema siga pelo mesmo caminho. Ainda acho possível fazer um tipo de cinema no Brasil que me interesse como ator ou como diretor. É preciso dar mais valor à criatividade, é preciso defender o improviso e o direito de errar. Devemos partir sempre da desarticulação, e não aperfeiçoar a articulação, por ser a fórmula que deu certo e a solução mais fácil.

— *O que acha da recente regulamentação de sua profissão?*

— É uma luta muito antiga, da qual, até certo momento, eu participei ativamente. Havia um item no projeto apresentado pelo Ministério que proibia o improviso em cena, sob pena de suspensão do ator. Isto me tocou de perto e eu me empenhei a fundo pela rejeição desse ponto. Agora, no presente instante, não tenho interesse pela regulamentação jurídica da profissão assim como não estou interessado no *boom* do cinema brasileiro em termos industriais. O que me preocupa não é que os artistas sejam regulamentados em 1978, mas o que, artisticamente, está sendo feito em 1978. Se é para fazer uma reflexão sobre o que nós estamos fazendo, o que estamos pensando, como estamos vivendo como pessoas, aí começa a minha vontade de discutir, de participar de uma assembléia.

— *Quais são os seus projetos imediatos?*

— Estou tentando conseguir da televisão um *financiamento de vida* por mais um ano.



Com Ângela Valério em *André, a Cara e a Coragem* (1972).

Com a sobrevivência assegurada, pretendo acabar um livro de contos que estou escrevendo, procurar um editor e, ao mesmo tempo, apresentar à Embrafilme o projeto de um longa-metragem. É um roteiro de Carlinhos Oliveira e Bartô de Andrade chamado *Caça ao Pombo*. Apesar de me manifestar contra a industrialização do cinema, eu acho que o Estado tem a obrigação de financiar e amparar as iniciativas culturais. E um dos projetos que existe dentro da Embrafilme e que me interessa muito diz respeito ao problema da descentralização da produção cultural do eixo Rio-São Paulo. É mais do que necessário que seja incentivado o cinema no interior do país, porque da mesma forma que a cultura estrangeira massacra as pessoas dos centros urbanos, a cultura das grandes cidades, com todas as influências positivas e negativas da cultura estrangeira, está matando a atividade cultural do interior. Seria importante entrar numa sala de cinema e assistir a um filme

de Pernambuco, do Acre. A literatura brasileira se enriqueceu muito quando o autor vinha com os originais debaixo do braço para editar o livro na cidade grande. Logicamente, o problema é muito mais grave com a televisão, que transmite, na mesma hora, para todo o Brasil, um tipo de comportamento de Rio e São Paulo. Mas como acho difícil a televisão mudar de ótica, a meu ver cabe ao cinema essa função. Entretanto, o que estou vendo é a ocupação do mercado por um produto brasileiro semelhante ao estrangeiro. Em vez de encher as telas de filmes realmente brasileiros, tem-se optado pelas soluções mais cômodas. Eu acredito que uma outra alternativa seja possível, não é utopia. Muitos filmes aqui feitos, até mesmo de grande bilheteria, já provaram que existe uma maneira brasileira de fazer filme, um modo brasileiro de ser, em tudo. Não precisamos copiar ninguém.

*(Entrevista a Marhel Darcy de Oliveira).*



Com Françoise Fourton em *Marcelo Zona Sul* (1969).

# STEPAN NERCESSIAN



Em Marcelo Zona Sul.

## Cinema:

- 1969 — *Marcelo Zona Sul*, de Xavier de Oliveira
- 1971 — *Pra Quem Fica, Tchau*, de Reginaldo Faria
- 1972 — *André, a Cara e a Coragem*, de Xavier de Oliveira  
*Como É Boa Nossa Empregada*, de Vítor di Mello
- 1973 — *Amante Muito Louca*, de Denoy de Oliveira  
*Revólveres Não Cospem Flores*, de Alberto Salvá
- 1974 — *Primeiros Momentos*, de Pedro Carmargo  
*A Rainha Diaba*, de Antônio Carlos Fontoura  
*Quem Tem Medo de Lobisomem?*, de Reginaldo Faria  
*O Padre Que Queria Casar*, de Lenine Ottoni
- 1975 — *Deliciosas Traições de Amor*, episódio de Teresa Trautman  
*Gargalhada Final*, de Xavier de Oliveira  
*Os Maníacos Eróticos*, de Alberto Salvá

- 1976 — *Marília e Marina*, de Luís Fernando Goulart  
*Xica da Silva*, de Carlos Diegues
- 1977 — *Na Ponta da Faca*, de Miguel Faria Jr.  
*Barra Pesada*, de Reginaldo Faria  
*Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia*, de Hector Babenco  
*Um Brasileiro Chamado Rosaflor*, de Geraldo Miranda

## Televisão:

Novelas *Bandeira Dois* (1971), *Duas Vidas* (1976) e *O Astro* (1978)

## Teatro:

- 1974 — *A Dama das Camélias*  
1976 — *Dinheiro Pra Que Dinheiro*

## Direção:

Curta-metragem *Rodolfo Arena* (1975)

## Prêmios:

Gramado/74: Melhor Ator Revelação, por *Amante Muito Louca*  
Gramado/76: Melhor Direção de Curta-Metragem, por *Rodolfo Arena*